



PROTAGONISMO INFANTO-JUVENIL NA EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM A TEORIA DE CARL ROGERS

Lázaro César da Silva¹
Rafael Alves de Araújo²
Renally Lima Santana³
Thamires Silva Farias⁴
Blenda Carine Dantas de Medeiros⁵

RESUMO

O referente artigo objetiva discutir o Protagonismo Infanto-Juvenil, utilizando-se de uma abordagem rogeriana como um meio facilitador na perspectiva de educar. Ser protagonista é ser o indivíduo principal de todas as fases do processo educativo. Tal abordagem se baseia no ensino centrado no aluno, trazendo a aprendizagem na ótica subjetiva e experiencial do discente, considerando suas verdadeiras demandas. A educação humanista desenvolvida por Carl Rogers agrega o saber científico das salas de aula com as experiências vivenciadas, somando a afetividade e a expressão individual com o conhecimento. A princípio, abordaremos as contribuições de Rogers e sua fundamentação para a educação. Em seguida, discutiremos sobre o Protagonismo Infanto-Juvenil e sua compreensão acerca do aluno como fomentador do próprio saber. Por fim, discutiremos possibilidades de uso do protagonismo nas escolas, a partir da consideração do estudante como centro. Observamos que a prática do protagonismo como uma ação educativa pode auxiliar na formação integral e no desenvolvimento de jovens autônomos, agregando valores ao indivíduo, atentos ao meio e responsáveis em suas ações.

Palavras-chave: Protagonismo, Educação, Aprendizagem, Rogers, Autonomia.

INTRODUÇÃO

Historicamente, as instituições de ensino apresentam um mesmo modelo de estruturação pedagógica, com poucas modificações ao longo dos anos. As características dessa forma de pensar a educação e suas práticas são evidentes, por exemplo, ao

1 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, lazarocesar.pedago@gmail.com;

2 Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, rafaalves9703@gmail.com;

3 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, renally9806@gmail.com;

4 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, thami.fariass09@gmail.com;

5 Professora orientadora: Doutora em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista - UNESP-Assis e Professora do Departamento de Fundamentação da Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, blenda.medeiros@academico.ufpb.br.



analisarmos os papéis exercidos em sala de aula onde ao professor é atribuído um maior domínio de saberes, sendo sua responsabilidade o compartilhamento de conhecimentos previamente determinados como importantes pelas escolas e para o mercado de trabalho. Nessa relação, os alunos possuem o dever de apreender ao máximo os conteúdos lançados em sala, reproduzindo-os, sem se valorizar um olhar crítico por parte destes.

Diante disso e das possibilidades de uma aprendizagem significativa, que vão de encontro a práticas educativas tradicionais, objetivamos evidenciar a participação ativa do estudante em sala de aula, a partir do seu real interesse, tendo como fundamento teórico metodológico a Abordagem Centrada na Pessoa e a concepção de protagonismo infanto-juvenil. Trata-se de um ensaio teórico produzido a partir das discussões e estudos ocorridos na disciplina de Psicologia da Educação I, no curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

Especificamente, pretendemos apresentar alguns pressupostos da educação e dos meios facilitadores elencados por Carl Ransom Rogers, articulando-os com os ideais dos caminhos sobre o protagonismo, para evidenciar uma visão humanista no âmbito educacional, sobretudo considerando o público infanto-juvenil. Defendemos, neste trabalho, a perspectiva do estudante como ator principal dos trajetos do seu próprio saber.

Justifica-se tal discussão a partir dos fundamentos aqui elencados. Primeiramente, ao considerarmos o conceito de autorregulação, definido por Rogers como uma condição natural do indivíduo, em constante adaptação e mudança, tendo em vista que a autorregulação é ativada sempre que o sujeito se defronta com algum novo conhecimento que lhe gere interesse, atualizando seus conhecimentos e estruturas psicológicas. Desse ponto, compreende-se que existem dois âmbitos de discussão na autorregulação com o autodirecionamento, quais sejam o real e o ideal.

Na ótica do autodirecionamento, o real está ligado às experiências pelas quais os seres passam no decorrer de sua vida, constituindo as formações de cada indivíduo. No âmbito do ideal, o seu conceito é atribuído a uma potencial imagem por meio da qual cada indivíduo se enxerga, sustentando essa noção imagética do que se almeja alcançar. O embate entre real e ideal gradativamente vai reestruturando as capacidades organizacionais do indivíduo, estabilizando inovadoras e potenciais habilidades, principalmente na lógica do conhecimento (FONSECA, 2009).



Em segundo lugar, ao articularmos essa tendência inata do sujeito com o ensino, como promotor da aprendizagem, que se torna uma ferramenta para fornecer conhecimento científico ao sujeito, implicando em mudanças das estruturas do real e do ideal. A aprendizagem, contudo, só se torna significativa de modificações caso ela respalde no cotidiano dos estudantes, tornando-se um conhecimento útil ou aplicado. No contraponto, a ausência dessa relevância, para Rogers, representaria apenas o acúmulo de informações, passíveis de serem descartadas depois de um tempo (ZIMRING, 2010).

O tema do protagonismo, em síntese, analisa o aluno dando novos significados aos conteúdos exibidos em sala, ante sua relação com o cotidiano e aplicabilidade do conhecimento, contando com a participação de um docente facilitador nesse processo de escolarização. Vale destacar também o posicionamento da escola, de modo que o espaço escolar necessita ser um lugar aberto a todos, com presença também da comunidade e onde se pratique a escuta de todos que compõem a instituição (SILVA; CRUZ; SILVA, 2013).

Nossa escolha, de articular a abordagem rogeriana com a ideia de protagonismo, se deu tendo em vista que Rogers considera o aluno como um indivíduo atuante nos diferentes campos, abarcando seus verdadeiros interesses no planejamento e realização das atividades nas escolas. Além disso, considera como parte do processo educativo as relações afetivas desenvolvidas no ambiente escolar e a necessária criação do sentimento de responsabilidade por suas ações e escolhas, entre os discentes.

Assim, como proposta de discussão, levantamos as contribuições de uma pedagogia humanista na sua relação com o protagonismo nas escolas, refletindo em uma materialização desse recente viés pedagógico. Este trabalho evidencia a formação docente sob o enfoque rogeriano, considerando o aluno ativo em seu processo de conhecer, apresentando-se como uma alternativa diante dos índices de evasão e fracasso escolar.

METODOLOGIA

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, ou seja, da apresentação e discussão de um determinado tema sob um novo enfoque (MARKONI, LAKATOS, 2008), o trabalho foi construído a partir das articulações teóricas e interpretações realizadas pelos pesquisadores, tendo como base as temáticas da psicologia da educação, acerca das



abordagens do estudioso Rogers na elaboração da aprendizagem e da contribuição humanista na educação, além da evidenciação dos conceitos sobre o Protagonismo Infanto-Juvenil e sua repercussão no espaço escolar.

Tendo sido feito um levantamento inicial de produções científicas acerca da temática, foram selecionados artigos, capítulos de livros e outros trabalhos acadêmicos, cuja leitura pudesse contribuir para a construção da discussão teórica aqui realizada.

CARL ROGERS E A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA

Carl Ransom Rogers foi um renomado estudioso da área da psicologia, que dedicou um olhar especial para a educação. De origem norte-americana, Rogers trabalhou como terapeuta em uma abordagem que considerava o outro não um paciente, mas um cliente, qual seja a Abordagem Centrada na Pessoa (ZIMRING, 2010). Isso se dá pois o sujeito direciona seu próprio caminho, com capacidade de resolução dos seus problemas, de modo que o terapeuta irá apenas auxiliar nesse processo de compreensão e busca pessoal, tendo em conta os diversos fenômenos que afetam a vida humana (MOREIRA, 1999).

Retomando o tema da aprendizagem, Rogers (1977) entende que o conhecimento não se resume apenas ao saber científico, somando-se ao afetivo-vivencial, posto que aprender seria “uma espécie unificada, a nível da cognição, dos sentimentos e das vísceras, além de uma percepção clara dos diferentes aspectos deste aprender unificado” (ROGERS, 1977. p. 145). Dessa forma, as experiências e as vivências de cada um são tão importantes e modificadoras das estruturas cognitivas quanto os saberes produzidos em sala de aula.

Durante o momento de escolarização, cabe ao docente ser um tutor ou orientador, favorecendo um ensino mais significativo que amplie as potencialidades do sujeito. Ou seja, menos quantitativo, no que diz respeito ao excesso de informações, e mais qualitativo, adentrando novamente em um saber voltado para a importância do conteúdo e sua utilidade na vida dos sujeitos. Isso se torna possível à medida que os responsáveis pelas instituições de ensino assumem posturas que considerem os universos dos estudantes, bem como seus desejos e interesses pessoais (ZIMRING, 2010).



Devido à tendência atualizante inerente aos seres humanos, a concepção do sujeito sobre seus autoconceitos real e ideal vai sofrendo alterações à medida que novos saberes e vivências são incorporados, como explicado anteriormente. Em cada fase da vida, segundo as demandas decorrentes pela vivência subjetiva, a pessoa estabelece metas atualizantes que pretende alcançar. A escolarização, como espaço institucional que permite o ciclo interativo com diferentes participantes, tende a dar novos rumos a essas potencialidades.

Acerca dos processos interativos, Rogers considera que o envolvimento com o ambiente e com os outros fornecem também novas experiências possíveis de atualização das potencialidades. No entanto, o ser humano ainda utiliza máscaras construídas socialmente e culturalmente, não afirmando e exibindo quem de fato é. Essa problemática afeta principalmente a demonstração do verdadeiro eu de cada ser ao mascarar e consequentemente sobrepor vestimentas (ROGERS, 1977).

A utilização dessas máscaras pode ser melhor compreendida quando analisamos o elo entre professor-aluno, principalmente na estruturação dessa conexão. Compreender as demandas dos alunados e os objetivos dos docentes pode proporcionar um lugar com menos julgamentos e mais acolhimentos. Desmascar, de forma clara, é romper com as expectativas nas atitudes humanas impostas pela sociedade (ROGERS, 1977).

Para facilitar a edificação dessa relação professor-aluno, Rogers entende que a base dessa construção precisa conter três atitudes fundamentais: autenticidade, prezar/aceitar/confiar e compreensão empática. Quanto à autenticidade, o indivíduo precisa ser honesto consigo mesmo, desvinculando-se de caricaturas de papéis sociais já cristalizados na cultura, para que não ignore seus verdadeiros sentimentos e atitudes, de modo que suas características pessoais e sentimentos reais guiem suas tomadas de decisão (MOREIRA, 1999).

A outra atitude é o prezar/aceitar/confiar que, para Rogers, caracteriza-se por enxergar o próximo da maneira como de fato ele é. Esse tópico está atrelado à razão de se acreditar no estudante e se ter uma estima ao mesmo, não de ordem possessiva, mas pautada pela confiança de que o alunado vai alcançar suas potencialidades. É o sentimento de crer no discente levando em conta as suas virtudes, posicionamentos e metas (ROGERS, 1977). Por último, encontra-se a compreensão empática, que está atrelada à capacidade crucial de o professor se colocar no lugar do seu aluno. É um modo de ver o



processo de aprendizagem sob a ótica do discente, considerando sua realidade e aspectos do seu mundo na relação (MOREIRA, 1999).

Em suma, a abordagem humanista na educação busca considerar que o aluno e o professor são pessoas livres, dotadas de afetividade e de processos interativos com o ambiente. Essas interações fornecem novos processos com potenciais capacidades autoatualizantes, ocasionando as reformulações nas estruturas cognitivas.

Essa característica da abordagem humanista entende que o alunado tem suas vontades e trazê-lo para uma participação ativa em sala, além de motivá-lo, envolve a ressignificação da aprendizagem por parte das escolas e dos docentes. Estabelecer um sentido humano engloba falar da afetividade como um saber (FONSECA, 2013).

Uma sala rogeriana, portanto, seria um espaço de destaque ao que realmente motiva e interessa o aluno, possibilitando o seu desenvolvimento ante a busca pessoal incansável pelo saber, retirando um pouco o olhar do ato de ensinar preso somente ao professor. As dificuldades de alteração dos formatos pedagógicos aplicados na atualidade estão diretamente ligadas às políticas educacionais instauradas e às práticas hierarquizadas nas instituições de ensino (ZIMRING, 2010).

A perspectiva rogeriana para a educação ainda aparece como uma visão inovadora de ensinar, sobretudo se analisarmos a proposta pedagógica e o currículo de escolas consideradas tradicionais. Para Rogers, é obrigação do docente ser um tutor e potencializador das melhores estradas nos percursos optados pelos discentes, auxiliando os estudantes a acessarem os conhecimentos necessários ao seu desenvolvimento.

PROTAGONISMO INFANTO-JUVENIL

O termo protagonista significa, “em qualquer enredo a principal personagem” (SCOTTINI, 2009, p. 271). Este termo começou a ser usado no teatro da Grécia antiga e em produções cinematográficas para identificar o personagem principal de uma obra (SOUZA, 2016). No entanto, alguns teóricos, como Dewey, passaram a utilizar esse termo também entrelaçado à educação, trazendo uma visão mais centrada no discente, com mais liberdade de pensamento, de modo que o estudante participe de decisões que dizem respeito a si e ao seu entorno (HENZ; SANTOS; SIGNOR, 2018).



Focando a análise na juventude brasileira, podemos observar que, entre as décadas de 1960 e 1990, houve grande participação dos jovens em momentos de lutas por questões políticas, ante a insatisfação e indignação com a conjuntura. Através das reivindicações, os jovens perceberam a força que o coletivo tem para transformação social. No âmbito da educação, também se observou a importância da participação do jovem em todo o processo educacional, de modo que o protagonismo viesse a se tornar uma ferramenta para uma educação libertadora, na qual seja considerada a voz e a autonomia do alunado, agente transformador do processo de escolarização (CONRAD; SELBACH, 2018).

Os meios de comunicação associados à educação possibilitam trabalhar competências de cidadania, levando os estudantes a uma maior consciência dos seus deveres e direitos, tanto no espaço escolar como social. Os estudantes, utilizando os meios de comunicação como um método de interação, colaboram para a disseminação de informações produzidas por eles, logo, ampliando a troca de conhecimento entre si e o outro (OLIVEIRA; NUNES, 2017).

Nesse processo educativo com uso de novos recursos, se faz necessário que os educadores atuem articuladamente às instituições educativas para que estas se tornem mais atrativas aos discentes, como um local também aberto ao diálogo e à empatia. Espera-se que, incentivando sua participação ativa, não somente nas práticas de ensino, mas em toda ação pedagógica e relacional, se crie um espaço para o estudante exercitar sua oralidade, demonstrando seu verdadeiro eu (OLIVEIRA; NUNES, 2017).

O protagonismo precisa ser sentido, praticado e não imposto, sendo necessária a contribuição da escola, com uma organização gradativa para experiências pessoais e sociais, sempre visando a autonomia do seu estudante (RIBAS JR., 2004). A escola pode possibilitar a sistematização e estruturação de atitudes protagonistas, para que o alunado as desenvolva, ao conhecer a ideia através de dinâmicas e aulas mais participativas.

Para o desenvolvimento do protagonismo, o educador precisa auxiliar o estudante em seu processo de formação de um pensamento crítico e de desenvolvimento de sua curiosidade, de modo que o estudante assuma sua responsabilidade na formação dos seus próprios saberes, construindo-os junto ao professor, em uma relação de proximidade. O discente se assume como um ser pensante e independente (FREIRE, 1996).

Uma das preocupações comuns em torno da autonomia e do protagonismo do estudante é a crença de que ele não tem capacidade de realizar suas próprias escolhas, já



que historicamente o educando é considerado um ser de voz passiva e sem liberdade para tomar suas decisões (IVAHASHI, 2017). Porém, a perspectiva do protagonismo se atrela a uma visão de educação mais humana, com responsabilidades e compreendo os limites de cada situação.

O protagonismo é agente de transformação, de modo que os espaços para atuação precisam ser preparados com planejamentos adequados para que as práticas e vivências gerem iniciativas, debates e compromissos por parte dos envolvidos. Para isso ocorrer, se faz necessário construir um conteúdo previamente, diferente da sala de aula tradicional, na qual se prioriza uma relação em que o estudante somente recebe informações (CONRAD; SELBACH, 2018).

De acordo com Costa (2000, p. 176), “a participação autêntica dos jovens pressupõe sempre um compromisso com a democracia. Conquistar, fortalecer e ampliar a experiência democrática na vida das pessoas, das comunidades e dos povos é o objetivo maior de todo protagonismo juvenil autêntico”. Diante disso, práticas educativas que se pautem pelo protagonismo infanto-juvenil precisam colocar o jovem como centro, à medida que os planejamentos e atividades pensadas em uma escola sejam voltadas aos seus estudantes.

As instituições de ensino devem ser democráticas, promovendo experiências, a fim de que se tornem solidários, competentes, autônomos e responsáveis, pensando em soluções para problemas reais (CONRAD; SELBACH, 2018). O protagonismo infanto-juvenil tem auxiliado muitos jovens na sua vida profissional, além do pessoal, tendo em vista que práticas dessa natureza os auxiliam a se tornarem capazes de gerir conflitos, trabalhar em equipe e observar seu autoconhecimento, em situações que vão além dos muros da escola (OLIVEIRA; NUNES, 2017).

Os seres humanos estão em constante mudança, que resultam em transformações do ambiente e das relações à sua volta. Diante da condição de inacabados, os sujeitos desenvolvem sua autonomia e, com elas, transformam o mundo, obtendo diversos valores que são importantes para a construção da cidadania. Por isso mesmo, a educação se torna uma ferramenta de mudança, transformação e novas oportunidades para autoconhecimento e autonomia dos seres (CONRAD; SELBACH, 2018).

O protagonismo na educação resulta em sínteses, voltadas à compreensão dos direitos e deveres dos discentes, tomando sempre a frente na resolução de problemas, com



uma visão mais ampla do local que está inserido, bem como conhecendo o seu papel na organização democrática da escola e da sociedade em que vive. Por isso, é importante o protagonismo estar unido à educação, pois as ações dos estudantes podem influenciar os demais atores educacionais a desenvolverem atitudes transformadoras.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma escola adepta à ideia do aluno como protagonista organiza práticas pedagógicas que consideram o papel ativo do estudante nesse processo de construção de conhecimento, em um caminho partilhado com o professor e com os pares. A partir dos elementos teóricos anteriormente discutidos, podemos afirmar que a fundamentação rogeriana corrobora práticas protagonistas, tendo em vista que a motivação dos sujeitos da aprendizagem está condicionada à coerência dos conteúdos com suas necessidades e às possibilidades de uso desse conhecimento.

Dessa forma, o ambiente educacional não deve ser ameaçador ao aprendiz, pois a aceitação do novo conteúdo pelos estudantes deve se dar em um espaço acolhedor, com estabelecimento de relações empáticas e de confiança, por meio de uma aprendizagem que considere materiais acessados de maneira espontânea e interessada pelo educando. De acordo com Rogers, tudo que é aprendido de forma significativa torna-se consciente. O aprendizado então tem a finalidade de ser benéfico e eficiente, trazendo possibilidades de uso no dia a dia, ou a sensação de que pode ser útil em algum momento da vida do sujeito (ZIMRING, 2010).

Rogers define a consideração positiva incondicional como uma “uma aceitação calorosa de cada aspecto da experiência do cliente”, o que pode ser utilizado na educação ao pensarmos a experiência dos jovens em seu processo de autoconhecimento e desenvolvimento do protagonismo. Isso significa que o educador deve reconhecer cada sujeito individualmente, com suas experiências e interesses, desenvolvendo um cuidado com o outro como ser humano, mas não de forma possessiva. Aqui percebemos a dimensão afetiva ressaltada anteriormente, possível no desenvolvimento de uma relação autêntica, sem máscaras, genuína e empaticamente interessada no crescimento do outro.

A partir da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), Rogers fornece contribuições para a educação, buscando o deslocamento do conhecimento do professor para a



aprendizagem significativa do aluno, centrando o ensino na perspectiva do estudante e trazendo o protagonismo como alicerce educacional. Igualmente, trouxe aportes significativos para a facilitação de grupos, conhecimento que também pode ser aplicado no trabalho com grupos de estudantes, com técnicas adaptadas para a sala de aula.

Nessa perspectiva, Rogers reitera que confiar no grupo – ou seja, na capacidade deste e de seus membros de desenvolverem suas potencialidades – é um pré-requisito à criação de um ambiente de confiança. Nesse sentido, é importante reconhecer a vontade do grupo, dando espaço para que todos os indivíduos se posicionem sem se sentirem constrangidos (INSFRAN, 2011). Na relação com a educação, deve-se preservar o direito do educando se recusar à participação pessoal, em alguns momentos, e não se sentir coagido a se colocar contra sua vontade. Essa é uma condição facilitadora para o estabelecimento da confiança entre os membros com o grupo e com o facilitador, de modo que essas pessoas possam participar quando se sintam mais seguros e acolhidos.

Associando essa perspectiva à ideia de responsabilidade com seu próprio processo de conhecimento, respeitar a participação do estudante não quer dizer que ele ficará isento de interagir e compor as atividades pedagógicas. Pelo contrário, significa que o estudante, consciente de seus deveres e dos seus interesses, terá maior liberdade na condução dos seus processos, podendo escolher estudar individualmente algum tema em determinado momento e, em outro, tomar a frente de discussões ou atividades em grupo.

Ao reconhecer o estudante como central em sua própria educação, e sua liberdade – com responsabilidade – nas tomadas de decisões, as práticas protagonistas dialogam com as concepções de educação humanista. As escolas precisam criar um ambiente no qual as crianças e os adolescentes possam constituir vínculos, construir laços de amizade e de confiança nas relações com as pessoas com quem convivem diariamente. Passa a ser pauta dos planejamentos e estudos pedagógicos dos professores atividades que potencializem aprendizagens significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O protagonismo infanto-juvenil se mostra então, como uma das possibilidades de se trabalhar a educação centrada no estudante, em consideração à perspectiva de Carl Rogers, de modo que os alunos desenvolvam autonomia e protagonismo ao



desempenharem um papel ativo na construção do próprio aprendizado. A tentativa é de trazer o estudante como centro e corresponsável pelo processo, desenvolvendo empoderamento e autoconfiança.

Tendo em vista a importância do protagonismo durante o processo de desenvolvimento de crianças e adolescentes, é notório observar a utilização desse método como construtor de um movimento de interação com o seu ambiente e com os outros ao seu redor. Assim, ao reconhecer e valorizar a participação dos alunos nas escolas, tendo o protagonismo como uma prática educativa, é possível o desenvolvimento de pertencimento e criticidade pelos estudantes, de modo que os aprendizados escolares transcendam esse espaço e possam gerar mudanças na realidade social dos sujeitos.

Vale ressaltar a importância de o discente ser um indivíduo atuante e o professor um mediador no processo de conhecer do estudante. O mestre da sala deve observar, ouvir e se colocar no lugar do outro, consequentemente ampliando o seu trabalho como profissional e humano, proporcionando situações e estímulos que diversifiquem conhecimentos para serem incorporados pelos estudantes no processo de conhecer a si e ao mundo à sua volta. Por fim, incentivar os discentes é possibilitar a vez e a voz de todos, para garantir que realmente ocorra uma aprendizagem significativa por parte do sujeito.

Quanto maior o incentivo e a possibilidade de dar um sentido àquele saber, melhor o resultado educacional. Dito isto, é fundamental analisar que a prática do protagonismo não deve se limitar à sala de aula, mas reconhecer que deve estar presente em todos os campos pedagógicos, seja em espaços escolares ou não escolares.

REFERÊNCIAS

CONRAD, V. L. D.; SELBACH, P. T. S. O protagonismo juvenil e formação humana dos alunos: uma experiência no Colégio Militar de Porto Alegre/RS. **I Simpósio Juventudes Contemporâneas**. OUT. 2018.

FONSECA, M. J. M. Carl Rogers: uma concepção holística do homem da terapia centrada no cliente à pedagogia centrada no aluno. **Millenium**, n. 36, 2009. Disponível em: <<http://www.ipv.pt/millenium/Millenium36/4.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

GOMES DA COSTA, A. C. **Protagonismo Juvenil: adolescência, educação e participação democrática**. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.



HENZ, I. C.; SANTOS, C. A.; SIGNOR, P. Experiência e movimento: pensando a educação em Dewey. **Espaço Pedagógico**. v. 25, n. 1, Passo Fundo, p. 140-152, jan./abr. 2018.

INSFRAN, F. F. N. Grupos de reflexão na escola: contribuições da abordagem centrada na pessoa para psicologia escolar. **NUFEN**. São Paulo, v. 3, n. 1, p. 92-118, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 ago. 2020

IWAHASHI, C. H. O poder que possuímos. In: LOVATO, A.; YIRULA, C. P.; FRANIM, R. **Protagonismo: a potência de ação da comunidade escolar**. 1. Ed. São Paulo: Ashoka/Alana, 2017.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MOREIRA, M. A. **Teorias da aprendizagem**. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA., 1999.

OLIVEIRA, T. P. E.; NUNES, J. O. Protagonismo Juvenil – incentivando a participação no ambiente escolar. **XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. JUN. 2012.

RIBAS JR., B. F. **Educação e protagonismo juvenil**. Nov. 2004. Disponível em: <http://prattein.com.br/home/images/stories/230813/Juventude/Educao_Protagonismo.rtf.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

ROGERS, C., R. **A pessoa como centro**. São Paulo: Pedagógica e Universitária LTDA., 1977.

SCOTTINI, A. **Minidicionário língua portuguesa**. Blumenau: Todolivro. 2009.

SILVA, M. C. A. L.; CRUZ, V. M. A. C.; SILVA, F. F. A aprendizagem significativa uma interface com protagonismo juvenil: numa perspectiva socioafetiva. **Psicopedagogia**. São Paulo, v. 30, n. 91, p. 12-20, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862013000100003>. Acesso em: 21 ago. 2020.

SOUZA, J. M. Protagonista, personagem principal e o ponto de vista no cinema. **Tertúlia Narrativa**. Dez. 2016. Disponível em: <<https://www.tertulianarrativa.com/post/2016/12/21/protagonista-personagem-principal-e-o-ponto-de-vista-no-cinema>>. Acesso em: 22 ago. 2020.

ZIMRING, F. **Carl Rogers**. Recife: Massangana. 2010.